

Dom Quixote no teatro português

Luiz Francisco Rebello



<
D. Quixote,
 de Yves Jamiaque,
 enc. Carlos Avilez,
 Teatro Experimental de
 Cascais, 1967
 (Final do 2º Acto),
 fot. J. Marques.

Assim como a personagem e as andanças do "ingenioso hidalgo de La Mancha" serviram de matriz inspiradora a compositores musicais (Salieri, Massenet, Ricardo Strauss, Falla, Ravel), artistas plásticos (Goya, Daumier, Picasso, Dali, Pomar), cineastas (Pabst, Kosintzev, Rafael Gil), era impossível que não atraíssem dramaturgos: basta lembrar as obras de Guillén de Castro, Jean Richepin, Mikahil Bulgakov, Gaston Baty, Yves Jamiaque, Alfonso Sastre, que têm Don Quijote, Sancho Panza, Dulcinea del Toboso como protagonistas. O teatro português não foi excepção a esta regra; como também não a poesia, de Tomás Pinto Brandão e Tolentino a Gonçalves Crespo e Gomes Leal, Pascoaes, José Gomes Ferreira e Torga.

Menos de um século havia transcorrido sobre a publicação da 2ª parte do Quijote, quando João (ou Juan) de Matos Fragoso, prolífico autor de 57 comédias ao gosto castelhano – e nesse idioma escritas, algumas das quais em colaboração com Agustin Moreto – extraiu de um episódio da novela cervantina o entremez *El yerro del entendido*. E numa colectânea publicada em Lisboa no ano de 1709, *Musa jocosa de vários entremezes*, de Nuno Nisceso Sutil, incluía-se um *Entremez de D. Quijote*, em verso, também redigido em espanhol, que trazia para a cena o episódio posto em música por Manuel de Falla no seu *Retablo de Maese Pedro* (a investida do "cavaleiro da

triste figura" contra o titeriteiro que narra com os seus fantoches o romance de Melisendra e Don Gaifeiros).

Até que, em 1733, se estreia no Teatro do Bairro Alto a "ópera joco-séria" *A Vida do grande D. Quixote e do gordo Sancho Pança*, primeira produção teatral de António José da Silva, "O Judeu". Dividida em duas partes, a primeira subdividida em 9 cenas e a segunda em 8, entremeadas de canções, a comédia acrescenta às figuras e passos da obra originária outras oriundas da fértil invenção do autor, como o episódio em que o fidalgo manchego persegue o seu escudeiro convencido que, por artes mágicas, nele se transformou a sua amada Dulcinea. Representada por títeres (na dedicatória do autor que precede a edição do seu teatro cómico, 1744, alude-se à "alma do arame no corpo da cortiça (que) infunde verdadeiro espírito e novo alento" às personagens), e só mais tarde por actores, a "ópera" conheceu de imediato enorme popularidade; e um dos seus episódios, de que Sancho Pança é o protagonista, foi objecto de edição autónoma (cenas IV a VI da 2ª parte), sob o título *O grande governador da ilha dos lagartos*. Nele A. J. da Silva, sem destoar do espírito burlesco da obra, formula magoadas queixas contra os rigores de uma justiça arbitrária de cuja desumana crueldade já havia sido e voltaria a ser vítima inocente: preso pela Inquisição uma primeira vez em 1726, e de novo em 1737, de ambas as

>

D. Quixote,
de Yves Jamiaque,
enc. Carlos Avilez,
Teatro Experimental de
Cascais, Digressão ao
Brasil e Venezuela, 1980
(João Vasco,
Isabel de Castro e
António Marques).



vezes juntamente com a mãe, culpado por não ter culpa ("se é culpa o não ter culpa, eu culpa tenho", dissera ele pela boca de Anfitrião, na ópera homónima) declarado "reincidente, negativo e pertinaz", consumiram-no as chamas da fogueira ateadas pelo ódio do fanatismo religioso.

Já no século XIX, em 1807, representa-se no Teatro do Salitre, sempre em Lisboa, a "ficção dramática" em 1 acto de José Joaquim Leal, *D. Quixote na cova de Montesinos*, em que o "cavaleiro da triste figura" renuncia a Dulcineia para casar com Altizidora, disfarçada em rainha do Japão; a peça seria publicada seis anos mais tarde. Uma revista do operoso Francisco Jacobetty, estreada em 1887 no Teatro Chalet da Rua dos Condes, intitulava-se *D. Quixote*, "revista do ano de 1886"; e pela mesma altura Gervásio Lobato traduziu, com Pedro Videira, o libreto da que fora a primeira opereta de Hervé, *Proezas de D. Quixote*. E só em meados do século seguinte voltaria o "engenhoso fidalgo" a ser objecto de transposição dramática no nosso país.

Por uma curiosa coincidência, é no mesmo ano – 1944 – que surgem três obras teatrais construídas sobre o tema quixotesco: Fernando Amado (1899-1968) e João de Castro Osório (1899-1970) publicam, aquele *D. Quixote e o outro*, este a tragicomédia *O baptismo de D. Quixote*; Carlos Selvagem (1890-1973) estreia no Teatro Nacional a "farrá heróica" *Dulcineia ou a última aventura de D. Quixote*. A primeira é uma variação pirandelliana sobre o tema, tão caro aos autores modernistas, da pluralidade do ser; a segunda, no dizer de um crítico, "uma oratória exaltada

da incomensurabilidade do Sonho"; a terceira, que deu origem a um dos mais belos espectáculos dirigidos por Amélia Rey-Colaço, com a colaboração plástica do grande pintor Almada Negreiros e musical do compositor Ernesto Halffter, dá corpo, através do contraste entre a figura do cavaleiro e os grotescos detentores do poder, ao "sonho do homem que desde o fundo das idades sofre e combate por um ideal de libertação, de redenção, de justiça social" e que, transitoriamente vencido, é retomado por outros. São estas as palavras de Jocriz, moço de cego, quando empunha a lança do derrotado cavaleiro: "cavaleiros, escudeiros e vilões! Aqui tomou suas armas D. Jocriz de Tristânia, que a sua dama fez voto de alevantar os humildes, libertar os oprimidos, socorrer os agravados e castigar toda a sorte de injustiças, violências e tiranias...". O entrosamento dos mitos ibéricos do quixotismo e do sebastianismo, unificados pelo sopro poético e pela exacerbação satírica, constituiu-se num dos textos mais importantes da nossa dramaturgia contemporânea, que é também a metáfora do país carcerário que Portugal então era.

A terminar esta breve resenha da passagem do Quixote pelas páginas e pelos palcos do teatro lusitano, recorde-se o seu aproveitamento pelo teatro de revista (por exemplo, em *Bate Certo!*, 1963) e o espectáculo dirigido por Carlos Avilez sobre a peça de Yves Jamiaque, no Teatro Experimental de Cascais, com a colaboração do pintor João Vieira (1967), em que o actor Santos Manuel teve uma das suas mais notáveis interpretações.